

■ NACIONAL

País evitará “exposição precoce” de sua economia

por Maria Helena Tachinardi
de Brasília

O ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia, revelou ontem a estagiários da Escola Superior de Guerra (ESG), no Rio de Janeiro, que o governo fará de tudo pa-

ra evitar “uma exposição precoce e descontrolada da economia brasileira a economias muito mais produtivas do que a nossa, como a canadense e a norte-americana”. O Brasil adotará uma posição “cautelosa” nas negociações da Área de Livre Comércio

das Américas (Alca), afirmou o chanceler, em palestra sobre “a execução da política externa brasileira”.

Ele lembrou que o Brasil ainda tem de consolidar o primeiro choque de abertura competitiva ao exterior ocorrido em 1990. Desde aquela

época “fizemos uma ampla abertura comercial em três níveis – unilateral, regional, no âmbito do Mercosul, e internacional (acordos da Organização Mundial de Comércio – OMC)”, e “muitas vezes essa abertura não encontrou reciprocidade na elimina-

ção de barreiras protecionistas que dificultam o acesso de produtos brasileiros dos mais variados ao mercado norte-americano”.

O chanceler e seu colega Francisco Dornelles, da Indústria, do Comércio e do Turismo, vêm repetindo essa

Dornel
queixa por causa do déficit comercial de US\$ 1,6 bilhão que o Brasil registrou no intercâmbio com os EUA no ano passado. Também, porque os dois países ainda não conseguiram soluções práticas para reduzir barreiras tarifárias, como a que incide sobre o suco de laranja, ou restrições fitossanitárias, que impedem a venda de frutas e carnes àquele mercado.

Lampreia afirmou que “os EUA são o principal parceiro individual do Brasil e hoje a única potência com real capacidade política e estratégica global. A importância do dia-a-dia com os EUA é patente para o Brasil. Ao mesmo tempo, cresce a consciência de que esse interesse é uma via de duas mãos, a ser trilhada na base do respeito e com uma abordagem construtiva e positiva”.

Segundo o ministro, o Itamaraty vem defendendo “de maneira firme” que os EUA “sejam recíprocos quanto às oportunidades comerciais e de investimentos que têm tido no Brasil; graças à abertura econômica, à ampliação do nosso mercado e à desestatização”.

Lampreia definiu o Mercosul como “área prioritária da política externa brasileira”, uma espécie de “segundo dimensão da nossa projeção internacional”. Ele enfatizou que as viagens internacionais do presidente Fernando Henrique Cardoso são “uma estratégia deliberada” do Itamaraty para “promover uma atualização da presença externa brasileira no mundo”.

O Brasil não está inovando ao usar a diplomacia presidencial como “instrumento útil para a política externa”, reconhece o chanceler. Segundo ele, o País está seguindo uma tendência mundial em que “os grandes interesses e as grandes questões que afetam os países devem ser tratados sem timidez”.

Falando sobre a União Europeia (UE), Lampreia indicou que o governo quer manter um “equilíbrio” nesse relacionamento, “inclusive porque está em curso iniciativas como a projetada integração hemisférica, que poderão incrementar em muito as relações comerciais e financeiras entre o Brasil e o continente americano”.